

CÍRCULO DE LEITURA NA FORMAÇÃO DISCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Diogo Tavares dos Santos¹

RESUMO

O círculo de leitura é um espaço de aprendizagem enriquecido pela troca de experiências, debates e reflexões para aprofundar conhecimentos sobre a temática abordada. Este trabalho é uma consequência de uma experiência vivenciada no componente curricular “Gênero e diversidade sexual” em uma escola de tempo integral do ensino médio na cidade do Icó – Ceará. Tal relato tem como objetivo traçar reflexões em torno da leitura de alguns artigos que compõem o livro “Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade” utilizando o círculo de leitura como ferramenta pedagógica. Para tanto, recorreremos a leitura dos textos sobre processo Histórico da mulher em Façanha (2023) e Santos (2023); sexismo e racismo em Santos e Magrini (2023); masculinidade em Gonçalves e Pereira (2023); gênero, diversidade sexual e educação em direitos humanos em Luz e Holanda (2023); e população LGBTQIA+ e o nome social em Santos, Façanha e Leite (2023) e Monteiro e Santos (2023). Neste relato de experiência, descreveremos a metodologia utilizada em encontros com 25 estudantes do ensino médio para promover colaboração, partilha de conhecimentos, debates e reflexões sobre os temas supracitados com o intuito de incentivar a leitura e a participação ativa dos/as alunos/as. Os feedbacks dos/as estudantes foram coletados regularmente por meio de questionários anônimos, permitindo ajustes contínuos na metodologia para atender melhor às necessidades do grupo. Os resultados das discussões foram

1 Mestre do curso profissional em Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA, Especialista em Docência do Ensino Superior e Educação Ambiental e Sustentabilidade pela Faculdade Única de Ipinga, Graduado em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE prof.diogotav@gmail.com

compilados e analisados, evidenciando um aumento significativo no engajamento e na compreensão dos temas propostos. Por fim, concluímos que o círculo de leitura é uma ferramenta metodológica que pode ser aplicado em qualquer temática e como consequência percebemos uma elevação no interesse as discussões que envolviam gênero e diversidade sexual no espaço escolar, além do pensamento crítico dos/as estudantes.

Palavras-chave: Círculo de leitura, Gênero, Diversidade sexual, Diálogo, Pensamento crítico.

INTRODUÇÃO

Diariamente educadores precisam lidar com temas relacionados a gênero e diversidade sexual no ambiente escolar. Curiosidades e questionamentos constantes exige que práticas pedagógicas sejam inseridas nesse contexto, Louro (2019) ressalta que a sexualidade está presente na escola e que é impossível desassociar ou ignorar tal temática, pois é parte integrante dos/as estudantes. É essencial que os educadores estejam preparados para abordar essas questões de maneira sensível e inclusiva, promovendo um ambiente de respeito e compreensão mútua.

Segundo Louro (2019):

as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores (Louro, 2019, p. 22).

Além disso, a implementação de projetos e atividades que incentivem o diálogo aberto e a reflexão crítica sobre gênero e diversidade sexual pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma cultura escolar mais inclusiva, Louro (2020) propõe que as escolas utilizem de mecanismo não-sexistas, com o propósito de novas transformações na educação. Dessa maneira, Zompero *et al.* (2018) fala da importância em se trabalhar sexualidade e acrescenta a necessidade de profissionais com formação específica:

educação para sexualidade é um aspecto de essencial relevância na formação do estudante, a escola tem papel central no preparo do aluno, tanto no que concerne a sua formação pessoal como para vivência em sociedade, mas para isso há necessidade de capacitar profissionais com o intuito de prepará-los para encarar esses desafios (Zompero, *et al.*, 2018, p. 103).

Partindo desse cenário, a utilização do círculo de leitura emerge como uma proposta metodológica que integra a leitura e a discussão de textos. Esta abordagem visa promover a aprendizagem cooperativa, bem como um diálogo aberto e crítico entre os/as estudantes, contribuindo assim para sua formação integral.

Através do círculo de leitura, os/as participantes são incentivados/as a expressar suas ideias e interpretações, enriquecendo o entendimento coletivo e (des)construção de determinados conceitos construídos ao longo dos anos.

O programa de círculo de leitura foi desenvolvido em colaboração com o Instituto Fernand Braudel e, na Secretaria de Educação do Ceará, a qual é supervisionado pela coordenadoria de protagonismo estudantil. Lançado em 2012, seu propósito é fomentar a formação de leitores críticos e expandir seu acesso ao conhecimento, por meio da leitura coletiva de obras que enfatizam valores éticos, especialmente literárias.

De acordo com Cosson (2021, p.25) o círculo de leitura é definido como “uma atividade pedagógica privilegiada para incentivar, desenvolver e consolidar diversas práticas de leitura e de socialização que são fundamentais tanto na formação do leitor quanto na educação integral do aluno”. Diante disso, essa prática se constitui em um espaço democrático onde os participantes têm a oportunidade de compartilhar suas interpretações e vivências em torno de textos literários ou informativos. No círculo de leitura, a troca de ideias e perspectivas enriquece a compreensão coletiva, promovendo o respeito às diferenças e a valorização da diversidade de pensamentos.

Além disso, o círculo de leitura fomenta habilidades críticas e reflexivas, ao estimular os/as leitores/as a questionarem o conteúdo e a conectarem as leituras às suas próprias experiências de vida. Dessa forma, o círculo de leitura não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o crescimento pessoal e social dos/as participantes.

Segundo Soares (2008) o papel da escola é fornecer uma leitura integral sem restrição

isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (Soares, 2008, p. 33).

Em vista disso, o autor destaca a importância de um currículo escolar que valorize tanto a funcionalidade quanto o prazer da leitura. Ao promover um ambiente onde os/as alunos/as possam explorar diferentes tipos de textos, a escola não apenas amplia o conhecimento prático, mas também fomenta a criatividade e o pensamento crítico.

A leitura literária, por exemplo, abre portas para mundos imaginários, estimula a empatia e oferece novas perspectivas. Assim, a escola deve ser um espaço onde a diversidade de leituras é incentivada, permitindo que os/as alunos/as desenvolvam habilidades essenciais para a vida e para o enriquecimento pessoal fazendo a leitura de qualquer tipo de texto.

Perante o exposto, utilizou-se no círculo da leitura o livro eletrônico “Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade” organizado pelas professoras doutoras Violeta Maria de Siqueira Holanda e Anne-Sophie Marie Frédérique Gosselin da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) em 2023. Tal obra conta com a colaboração de autoras mulheres, que trabalham na educação básica, além de intelectuais negras, lésbicas e trans.

Essa coletânea de vozes diversas não apenas enriquece o campo acadêmico, mas também promove uma sociedade mais justa e equitativa, onde todas as identidades são reconhecidas e valorizadas. É um convite para repensar práticas pedagógicas, incentivando um ambiente de aprendizagem que acolhe a pluralidade e fomenta a inclusão. Assim, espera-se que essas obras inspirem novas gerações de educadores/as e alunos/as a construir um futuro mais respeitoso para todos/as.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a leitura de alguns artigos do livro “Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade”, utilizando o círculo de leitura como uma ferramenta pedagógica. Para tanto, foram organizadas leituras dos artigos selecionados durante o componente curricular eletivo de Gênero e Diversidade Sexual em uma escola de tempo integral no município de Icó-CE. É importante ressaltar que nem todos os artigos foram lidos e a seleção se baseou principalmente na linguagem dos textos e nas temáticas abordadas na disciplina. O formato da leitura foi estruturado por meio do círculo de leitura, que possibilita ao estudante desenvolver habilidades de leitura, interpretação e interação social com os/as colegas do grupo.

Logo, após as leituras, é notório observar que, durante os espaços de discussão, grandes eram as dúvidas e descobertas, como os posicionamentos referentes ao conhecimento que tinham sobre gênero e diversidade sexual. As conversas fluíam de maneira aberta e respeitosa, permitindo que todos/as os/as participantes pudessem expressar suas opiniões e questionamentos. Essa troca de ideias não só enriquecia o entendimento coletivo, mas também promovia um

ambiente inclusivo onde o aprendizado mútuo era incentivado. O objetivo era criar um espaço seguro para o crescimento pessoal e a promoção da diversidade, celebrando a singularidade de cada indivíduo.

Portanto, embora o círculo de leitura no meio acadêmico seja frequentemente utilizado apenas para obras literárias, este trabalho aplicou essa abordagem à temática de gênero e diversidade sexual no ambiente escolar. Essa escolha não apenas fomentou um maior interesse nas discussões, tanto internas quanto externas ao círculo, mas também contribuiu para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao contexto que nos cerca.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que de acordo Mussi, Flores e Almeida (2021, p.63) é uma “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, é reconhecida a importância de discussão sobre o conhecimento”. Os autores supracitados ainda afirmam que tal relato é importante para sociedade, pois propagam informações relacionados a várias temáticas.

Já o círculo de leitura foi escolhido visando a melhoria na leitura e no aprofundamento da temática no que se refere a gênero e diversidade na escola. Além disso, utilizou o círculo direcionado às leituras que dessem prazer e que tenham uma familiaridade com as discussões que existem na escola.

O público-alvo desse trabalho são 25 estudantes, que se inscreveram na unidade curricular eletiva “Gênero e Diversidade Sexual” ofertada no primeiro semestre de 2024, na Escola de Tempo Integral Padre José Alves de Macedo com duas horas semanais. Segundo a catálogo da unidade curricular o objetivo da eletiva é: “Possibilitar aos estudantes o conhecimento sobre gênero e diversidade para que, por meio das informações adquiridas, os discursos e as relações possam desnaturalizar os mais diversos tipos de preconceitos e situações discriminatórias, sobretudo a violência de gênero, a homofobia e a transfobia”.

Em seu primeiro encontro, foi apresentada ao componente curricular como estaria organizada o plano de trabalho para o semestre. Além do círculo de leitura ferramenta aqui utilizada, foram inseridos textos, filmes, manchetes de jornais, palestras e esquetes teatrais.

Antes de inserir os textos referente ao livro “Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade”, foi apresentado

o texto “Gênero: uma categoria útil para Análise Histórica” de Joan Scott de 1989. Apresento esse texto, pois Scott faz uma apresentação sobre o uso do termo “gênero” em contextos políticos específicos, destacando as oposições entre o masculino e o feminino na sociedade. Além disso, é possível perceber que as relações de gênero são moldadas por interações sociais e culturais que permeiam o cotidiano em diversos espaços sociais, portanto a necessidade de acrescentar o texto antes das leituras do livro.

Após apresentação e discussão do texto supracitado, foi apresentado como o círculo de leitura seria organizado durante o semestre. Vale ressaltar, que Cosson (2020) apresenta três tipos de círculo de leitura com características diferentes e pode ser combinado para o uso efetivo do círculo de leitura. Os três tipos de círculos são:

Quadro 1 – Tipos de Círculo de Leitura segundo Cosson (2020)

Círculo estruturado	Círculo semiestruturado	Círculo aberto
<ul style="list-style-type: none"> - Segue regras definidas; - Funções distintas para cada membro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não possui roteiro; - Coordenador acompanha a participação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participantes combinam a obra e cronograma; - Discuti a leitura de forma informal;

Fonte: Próprio autor (2024).

Perante o exposto, para construção desse trabalho foi utilizado um pouco de cada modelo do círculo. Essa abordagem híbrida possibilitou uma experiência rica e diversificada, permitindo que cada participante contribuísse de maneira única. No círculo estruturado, a clareza nas funções assegurou que todos os aspectos fossem abordados de maneira organizada. O círculo semiestruturado, por sua vez, proporcionou flexibilidade necessária para que as discussões fluíssem naturalmente, enquanto o coordenador guiava suavemente as interações. Já o círculo aberto incentivou a espontaneidade e a troca de ideias em um ambiente descontraído e acolhedor. Essa combinação promoveu um espaço inclusivo e colaborativo, onde cada voz foi valorizada e cada perspectiva, respeitada.

Portanto, para construção do círculo de leitura com estudos relacionados a gênero e diversidade sexual, utilizamos duas aulas semanais com 50 minutos cada e organizamos a sala em dois grupos um com 13 participantes e outro com 12. Vale ressaltar que tal metodologia já é utilizada alguns anos na escola, portanto os participantes já possui uma determinada experiência com o círculo de leitura.

Desta maneira, segue abaixo a ordem cronológica dos textos extraídos do livro *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. que participaram do círculo de leitura.

Quadro 2 – Obras selecionadas e utilizadas para o círculo de leitura.

Aula	Obra	Autoras
1	A educação para mulheres no Brasil: o longo caminho.	Marlia Aguiar Façanha - (2023)
2	A voz das educadoras: questões de raça e gênero e suas implicações no ambiente educacional.	Josiane Barboza dos Santos; Pedro Rosas Magrini - (2023)
3	A percepção de alguns alunos do ensino fundamental a respeito das exigências da masculinidade.	Juliana Jessica de Sousa Gonçalves; Francisco Vitor Macedo Pereira - (2023)
4	Educação em direitos humanos, gênero e diversidade sexual na escola.	Marileide da Silva Luz Violeta; Maria de Siqueira Holanda - (2023)
5	Críticas trans ao <i>cis-tema</i> educacional: uma revisão das produções teóricas brasileiras.	Anne Alencar Monteiro Josué Leite dos Santos - (2023)
6	Escola em <i>transformação</i> : invisibilidades e nome social.	Silvia Maria Vieira dos Santos; Marlia Aguiar Façanha; Marília Colares Leite - (2023)

Fonte: Próprio autor (2024).

Dessa forma, os círculos de leitura contaram com a presença de um/a mediador/a em cada grupo, responsável por organizar a leitura dos textos. Após a conclusão da leitura, os grupos se uniam para uma sessão de socialização. É importante destacar que, durante a leitura, os/as estudantes faziam anotações que seriam posteriormente compartilhadas com os demais participantes.

Em decorrência disso, a fim de coletar os relatos relacionados ao texto, o professor mediador do grupo faz anotações baseadas nas observações dos/as estudantes e instiga novos questionamentos. O objetivo é promover novas construções e definições sobre a temática discutida na aula. As discussões que se seguem à leitura tornam-se momentos ricos e dinâmicos, permitindo que cada estudante desenvolva um pensamento crítico e uma compreensão mais aprofundada do assunto.

Portanto, a coleta de dados foi realizada por meio das anotações dos/as estudantes e das discussões que ocorreram após as leituras. É importante ressaltar que todos os relatos serão apresentados de forma a preservar a identidade dos/as participantes, com o intuito de proteger a integridade de cada estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do círculo de leitura, conseguimos atingir os objetivos estabelecidos. Para que isso se tornasse viável, a participação ativa dos/as estudantes nas atividades sugeridas foi essencial, especialmente nos momentos de debate, onde sempre acontecia um aumento na movimentação e na interação.

Esse envolvimento foi claramente evidenciado pela qualidade das contribuições durante as discussões que se seguiram às leituras, nas quais os cursistas demonstraram curiosidade, dúvidas e empatia ao expressar suas angústias e escutar seus/suas colegas nos espaços de diálogo. O processo de escuta é bastante importante na construção da confiança e na promoção de um ambiente colaborativo e respeitoso.

Dessa forma, o grupo não só evolui em termos de conhecimento, mas também fortaleceu laços interpessoais, criando uma comunidade de apoio mútuo. Em visto disso, é observado os relatos após o círculo de leitura em cada texto supracitado.

- **1ª Aula** - A educação para mulheres no Brasil: o longo caminho - Façanha (2023)

O primeiro círculo de leitura iniciou com a presença de todos os membros da eletiva e com isso a divisão de dois círculos de leituras. A grande parte da turma estava ansiosa para começar os trabalhos referente aos textos escolhidos. Assim sendo, já na primeira leitura, no início da discussão a frase destacada logo no início foi: “poucas escolas direcionadas para as meninas e com disciplinas diferenciadas para elas” (p. 33). Dois estudantes relataram o seguinte:

Aluno/a três: — Professor, como assim, poucas escolas? E por que as disciplinas eram diferenciadas? Antes de obter uma resposta, o/a aluno/a cinco comentou: — Isso ocorria porque, as mulheres não podiam frequentar as escolas, sendo encarregadas apenas das atividades domésticas. Logo, essa situação reflete um período histórico em que a educação feminina era limitada e havia uma grande divisão de papéis entre os gêneros. As meninas eram preparadas para funções específicas dentro do lar, enquanto os meninos tinham maior acesso ao conhecimento acadêmico e científico.

Ao complementar o texto destacado acima, o/a aluno/a três mencionou outra frase do texto: “difícil acesso, as escolas também tinham atividades espe-

cíficas para as meninas, visando ao seu papel de mãe e esposa na sociedade” (p. 33). Nesse momento, o/a aluno/a três expressou sua opinião, afirmando que, se fosse nos dias atuais, ele/a não teria interesse em frequentar uma escola para aprender atividades domésticas. Ele acrescentou, com todo respeito ao professor: “se o senhor chegasse aqui ensinando isso, o senhor levaria uma bronca” (risadas). Os/As demais estudantes, de ambos os gêneros, concordaram com a afirmação do/a colega.

Outro momento de discussão o/a aluno/a sete levantou a mão e perguntou “professor o que seria esses “manuais específicos” (p. 34)? Fiquei pensando, é serio que tinha o manual para ensinar as mulheres? Olhe professor, estou indignada/o!” (risadas). Diante disso, é observado o quanto o conhecimento histórico é importante para construção do gênero, além da importância do texto de Joan Scott, relatando a construção social que existe entre o gênero feminino e masculino.

Outro trecho destaque agora pelo/a aluno/a 11 foi que as profissões destinadas para mulheres “seriam a enfermagem, ligada aos cuidados, um “dom” feminino, e a educação de crianças, que não se afasta da noção do cuidado nas séries iniciais, em que o cuidar está mais presente, em que existiu e ainda existe uma maioria feminina na função.”(p.38) e relatou que – até hoje essas profissões ainda estão sendo destinadas as mulheres, pois observa principalmente as escolhas dos/as amigos/as. Guedes (2008) ressalta a importância da ampliação da escolarização para as mulheres:

o processo de expansão da escolarização em diversos contextos graças a mudanças nas legislações que visaram universalizar o acesso a esse bem, teria consolidado a retirada das mulheres de uma educação predominantemente familiar, na qual os aprendizados eram voltados para seu papel de mãe e esposa, para uma educação voltada para o mundo público (Guedes, 2008, p. 130).

Já o/a aluno/a 15 ficou supreso ao ver que somente 1879 foi que as mulheres puderam entrar em instituições superiores, em complemento que ao que o/a aluno/a anterior falou o estudante 18 ficou preocupado/a no trecho que ressalta “o preconceito, as dificuldades impostas ao exercício das profissões e até a ridicularização das profissionais”(p.41), ressaltou que se alguém falasse algo dava uma bronca e que não iria aceitar qualquer constringimento relacionada ao gênero. Guedes (2008) destaca que apesar da presença das mulheres no ensino superior, cursos relacionadas as exatas sempre eram destinadas ao gênero mas-

culino, enquanto as do gênero feminino participavam dos cursos referentes a pedagogia. Logo, confirmando o olhar em que as mulheres sempre eram direcionadas para cursos que envolvessem os cuidados com o próximo.

O/A aluno/a oito destacou, em seu discurso, a luta das mulheres pela conquista do direito ao voto. Esse momento foi crucial para a emancipação feminina e fortaleceu o movimento feminista, além de evidenciar a importância de que as mulheres apoiem umas às outras na política, visando sempre os interesses coletivos. Em vista disso, o/a aluno/a ainda relatou sobre aprovação da Lei 14.443/2022, que não precisa do consentimento do conjuge para realização da laqueadura e que achava isso um absurdo, ter que pedir a permissão.

Diante disso, as conquistas obtidas ao longo dos anos inspiraram gerações a continuarem batalhando por igualdade de direitos e oportunidades. Hoje, vemos a presença feminina crescendo em diferentes esferas da sociedade, desde cargos públicos até lideranças empresariais. Essa representatividade é essencial para a construção de um mundo mais justo e equitativo, onde as vozes de todas as pessoas possam ser ouvidas e respeitadas. O legado deixado pelas pioneiras do movimento é uma lembrança constante de que a luta pela igualdade de gênero deve ser contínua e inclusiva, abrangendo todas as diversidades que compõem a sociedade.

2ª Aula - A voz das educadoras: questões de raça e gênero e suas implicações no ambiente educacional - Santos; Magrini (2023)

No segundo dia de círculo de leitura a eletiva contava com a presença de 22 estudantes. A discussão em torno do segundo texto foi iniciada pelo questionamento do/a aluno/a dez sobre o trecho que menciona que “a população negra segue buscando legitimar sua existência e ter seus direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais garantidos” (p. 104). Ele/a perguntou “por que é tão difícil compreender que todos somos iguais e por que as pessoas negras enfrentam tantas dificuldades para viver no Brasil”? Nesse momento, alguns/mas alunos/a começaram a se manifestar de forma desordenada, e eu precisei intervir, explicando que o racismo estrutural é uma questão que o Brasil ainda não conseguiu superar. Enfatizei que momentos como este são cruciais para promovermos a mudança dessa realidade. O próprio texto responde à pergunta do/a aluno/a ao afirmar que “a transformação radical nas práticas de ensino se

dá por meio da reflexão e problematização – tanto individual quanto coletiva – da estrutura de ensino” (p. 104).

Durante a discussão, os/as alunos/as relataram suas experiências com o uso de brinquedos, evidenciando que os pais dos estudantes do gênero masculino frequentemente proíbem a brincadeira com bonecas, alegando que esses brinquedos são adequados apenas para meninas. Esse cenário destaca a importância de abordar a construção social dos gêneros feminino e masculino em nossa sociedade.

Os/As alunos/as de modo geral reclamaram sobre o trecho “a inteligência e a esperteza fossem definidas pela cor da pele” (p. 118), que assim como o texto também discordaram e relataram em frases soltas que a inteligência de uma pessoa tem nada a ver com a cor da pele e que isso é só o racismo que existe nas pessoas.

Ao final da discussão muitos expressaram gratidão pela oportunidade de discutir questões tão relevantes e manifestaram o desejo de continuar explorando esses temas, não apenas no ambiente escolar, mas também em suas vidas cotidianas. Esse tipo de debate é essencial para formar cidadãos conscientes e engajados na construção de um mundo melhor para todos/as.

- **3ª Aula** - A percepção de alguns alunos do ensino fundamental a respeito das exigências da masculinidade - Gonçalves; Pereira (2023)

No dia da leitura do texto, a turma contava com apenas 16 estudantes, o que nos levou a formar um círculo de leitura. É importante destacar o impacto inicial dessa disciplina, especialmente com o texto de Joan Scott, que se revelou fundamental para a (des)construção do conhecimento sobre a construção social do gênero e suas repercussões nas relações contemporâneas.

Após a leitura, durante o momento de discussão, o/a aluno/a sete levantou a mão e questionou se o texto tinha conhecimento sobre sua vida. Ele/a destacou que, ao longo de sua infância e juventude, seus pais frequentemente comentavam sobre seu comportamento e exercitavam um controle rigoroso sobre seu corpo. Esse tipo de observação ressalta a importância da leitura científica.

O debate girou em torno de como a literatura pode, por vezes, refletir experiências pessoais de maneira surpreendente e oferecer insights sobre questões universais. Outros/as alunos/as também compartilharam suas impressões,

destacando como o texto os/as fez refletir sobre as influências familiares e sociais em suas vidas. A troca de ideias foi rica e estimulante, demonstrando o poder das palavras em conectar as pessoas e provocar profundas reflexões. Assim, a discussão não só aprofundou o entendimento do texto, mas também fortaleceu as relações entre os/as alunos/as, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e empático.

Novamente o/a aluno/a sete destacou o trecho “não precisa compartilhar as responsabilidades domésticas com os/as demais membros/as da família e da casa, em especial com as mulheres” (p. 133) e manifestou com total discordância em relação a essa afirmação, enfatizando que todos os integrantes da casa devem contribuir. Não existem tarefas domésticas atribuídas a homens ou mulheres; essas responsabilidades são coletivas.

Em vista disso, elas equilibram responsabilidades profissionais e domésticas, o que pode levar a um desgaste físico e emocional significativo. Essa realidade destaca a importância de políticas de igualdade de gênero no ambiente de trabalho e de uma distribuição mais equitativa das tarefas domésticas.

Outro ponto abordado foi a expectativa em torno da gravidez. O/a aluno/a nove mencionou que não vê a necessidade de realizar um “chá revelação” ou associar cores específicas, como azul para meninos e rosa para meninas. Ele/Ela argumentou que a cor não define nada e que as pessoas deveriam se preocupar mais com as desigualdades existentes.

Sento assim, é notório o posicionamento dos/as estudantes referente as desigualdades que existe dentro de casa e a importância de refletir sobre a importância de continuar lutando por uma educação justa e igualitária, na qual todos possam desenvolver seu potencial sem limitações impostas por questões de gênero.

- **4ª Aula** - Educação em direitos humanos, gênero e diversidade sexual na escola - Violeta; Holanda - (2023)

A leitura do texto quatro contou com a participação integral, iniciando-se com dois grupos, que se uniram durante a discussão. Na fase de discussão, o/a aluno/a dez levantou a mão e declarou: “Professor, ao ler esse texto, minha primeira reflexão foi sobre quantos professores negros e trans temos? Ao observar, percebi que não temos nenhum! Daí penso o quanto nossa sociedade é desigual e o quanto falta para essas pessoas ocuparem esses espaços.”

O/A aluno/a 12 levantou a mão e questionou: “Professor, é verdade que existem outros professores que não respeitam o nome social dos estudantes?” Nesse momento, todos olharam com expressões de dúvida. Eu respondi: “Sim, há professores que não respeitam a identidade de gênero. Muitas vezes, isso se deve a uma abordagem religiosa e conservadora, mas é importante ressaltar que, eventualmente, eles acabam respeitando.” Silva e Castro (2018) relatam que existe uma grande influência cultural e religiosa por traz de todo preconceito. Também mencionei que, em nossa escola, já enfrentamos problemas relacionados a essa questão no passado. No entanto, desde a minha chegada, não recebi relatos de desrespeito em relação a pessoas trans, pois vocês sabem como sou (risadas).

Um ponto geral levantado por todos/as os/as estudantes foi a questão de saber se o documento da escola, especificamente o Projeto Político-Pedagógico (PPP) mencionado no texto, aborda as temáticas discutidas. Além disso, houve uma preocupação significativa em relação à pesquisa que indica que o Ceará é o estado com a maior incidência de crimes de homofobia. Diante dos questionamentos, consegui tranquilizá-los ao explicar que, por se tratar de uma escola em tempo integral, o currículo é diversificado e com isso abordamos diversos temas, incluindo as atividades eletivas em que estão participando e sobre os dados relacionados à homofobia. Assim como eles, também me preocupo constantemente com essas questões. Contudo, a única maneira de reverter essa situação é por meio do trabalho na escola, desenvolvendo ações que promovam o respeito a todos/as, independentemente de sua identidade.

Cabe ressaltar que os/as alunos/as ficaram bastante interessados na discussão referente as leis que o texto abordou, como por exemplo: “Leis federais no 10.639/2003 e no 11.645/2008, que determinam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nas escolas de ensino fundamental e médio” também a “Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio que institui o enfrentamento à violência doméstica e familiar contra mulheres” e a resolução nº 12/2015, que garante as condições de acesso as permanências de pessoas travestis e transexuais nos diferentes espaços da sociedade, que apesar de alguns/mas já conheciam, gostariam de aprofundar a discussão nessas leis dentro da escola. Mediante a isso, comuniquei que chamaria profissionais para construir ações para tais discussões.

Portanto, acreditamos que a educação é a chave para transformar mentalidades e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Estamos sempre abertos ao diálogo com alunos/as, pais e toda a comunidade escolar para que juntos

possamos enfrentar esses desafios e celebrarmos a diversidade como uma riqueza essencial para o aprendizado e a convivência.

- **5ª Aula** - Críticas trans ao *cis-tema* educacional: uma revisão das produções teóricas brasileiras – Monteiro; Santos (2023)

Nesta aula, tivemos a presença de 20 estudantes que participaram dos dois círculos de leitura. Diante disso, apesar de o texto apresentar importantes contribuições para a educação, algumas definições já haviam sido discutidas em aulas anteriores. No entanto, o/a aluno/a de destacou a relevância da discussão sobre o banheiro. Ele relatou que, durante este ano, a escola enfrentou um problema relacionado ao banheiro feminino, mas que, em pouco tempo, foi solucionado, demonstrando uma gestão atenta às necessidades das pessoas trans.

Novamente, surgiram preocupações em relação ao texto da aula anterior, que abordava questões de dados sobre mortes. Desta vez, o foco foi que o Brasil é o país com a maior taxa de homicídios de pessoas trans. O/A aluno/a questionou: “Por que é tão difícil respeitar, professor?” Respondi com um trecho do texto que afirma: “Os muros que separam pessoas trans e travestis da educação são formados por preconceito, violência e desigualdade, o que contribui ainda mais para o aumento da vulnerabilidade dessa população no país” (p. 77). Portanto, diante do que já foi exposto tais discussões envolvendo o texto já tinham sido abordado em outras ações, a qual fizeram não ter tantos momentos de interação como os outros textos.

Contudo, isso não diminui a importância de continuar explorando novas perspectivas e aprofundando o entendimento sobre o tema. A troca de ideias e a colaboração entre diferentes visões são fundamentais para enriquecer o debate e promover avanços significativos. Além disso, a diversidade de opiniões pode revelar nuances e aspectos que talvez não tenham sido considerados anteriormente, tornando a discussão ainda mais rica e dinâmica. Assim, é essencial manter um espaço aberto para o diálogo contínuo e inclusivo.

- **6ª Aula** - Escola em *transformação*: invisibilidades e nome social - Santos; Façanha; Leite (2023)

Na aula do último texto, a escola estava se organizando para uma feira de apresentações relacionadas às disciplinas eletivas. Em decorrência disso, apenas

12 estudantes participaram do círculo de leitura. O texto discutido nesta aula abordou uma temática que já havia sido debatida durante os círculos de leitura das aulas quatro e cinco. No entanto, este texto é bastante minucioso e discorre detalhadamente sobre a importância do nome social das pessoas.

É importante destacar que alguns/mas estudantes frequentemente ficam em dúvida ao preencher cadastros que solicitam o nome social. No texto, alguns/mas alunos/as relataram ter utilizado apelidos nesse campo. Nesse contexto, o texto esclareceu o que realmente significa o nome social e ressaltou a luta significativa das pessoas trans para conquistar esse direito, que, embora pareça simples, é de grande importância.

É uma conquista que reflete o reconhecimento e o respeito pela identidade de gênero de cada indivíduo, promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa. O uso do nome social é um passo essencial na afirmação da identidade, permitindo que as pessoas trans se sintam mais acolhidas e respeitadas em ambientes acadêmicos, profissionais e sociais. Além disso, o texto enfatiza a necessidade de sensibilização e educação para que todos compreendam a importância desse direito e o impacto positivo que ele causa na vida das pessoas que o utilizam. Dessa forma, reforça-se a importância de políticas públicas e práticas institucionais que garantam o respeito ao nome social, contribuindo para a construção de um ambiente onde todos possam ser quem realmente são, sem medo de discriminação ou preconceito.

Portanto, ao utilizar o círculo de leitura como uma ferramenta pedagógica, é possível observar uma mobilização mais significativa quando as leituras não se limitam apenas a obras literárias, mas abrangem também textos que fazem parte do cotidiano escolar. Isso permite que os alunos façam conexões mais profundas entre o conteúdo estudado e suas próprias experiências, enriquecendo o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a relatar a experiência do círculo de leitura na unidade curricular eletiva de Gênero e Diversidade Sexual ofertada em escola de tempo integral. Tal pesquisa apresentou que é possível fazer com que estudantes adquiram habilidade da leitura através de textos que vão além das obras literárias. Além disso, ao discutir temas atuais e relevantes, os estudan-

tes desenvolvem habilidades críticas e aprendem a valorizar a diversidade de perspectivas.

O círculo de leitura, portanto, torna-se um espaço de troca e reflexão, onde todos têm a oportunidade de expressar suas ideias e aprender com os outros. Essa abordagem inclusiva contribui para um ambiente educacional mais colaborativo e estimulante, incentivando a curiosidade e a vontade de conhecer tópicos poucos conhecidos ou trabalhos na escola.

Ao integrar diferentes vozes e experiências, o círculo de leitura promove também o respeito mútuo e a empatia entre os participantes. Os/As estudantes são encorajados/as a explorar suas próprias identidades e a reconhecer a importância do diálogo aberto e respeitoso. Dessa forma, não apenas ampliam seu repertório cultural, mas também se preparam para atuar em uma sociedade diversa e plural.

Além disso, a prática regular do círculo de leitura pode contribuir para o aprimoramento das habilidades comunicativas e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao analisar e debater temas complexos, os/as estudantes são desafiados/as a questionar suas próprias opiniões e a considerar diferentes pontos de vista, o que é fundamental para sua formação como cidadãos conscientes e engajados.

Em suma, o círculo de leitura na unidade curricular de Gênero e Diversidade Sexual não só enriqueceu o processo de aprendizagem, mas também desempenhou um papel crucial na formação de indivíduos mais empáticos/as e preparados/as para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

GUEDES, M. C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 117-132, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tPvR4dWz5GzGCgn4c6GCZHp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique. Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade. **Fortaleza: EdUECE**, 2023.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

MARINHO, Elyssa Soares. O círculo de leitura na formação de professores de língua inglesa: Um relato de experiência no curso de Letras. **EntreLínguas**, v. 8, p. 15, 2022.

MUSSI, RF de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, CB de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, 17 (48), 60-77. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-26792021000500060&script=sci_arttext. Acesso em 20 ago. 2024

SILVA, B. C.; CASTRO, R. D. (2018). Diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes dentro do contexto familiar. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, 6(2). ISSN 2525-359X. Disponível em: <http://jornalold.faculadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/611>. Acesso em: 16 jun. 2024.

SOARES, Magda. Introdução - Ler, verbo transitivo. In. .PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) **Leituras Literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

ZOMPERO, A. F.; LEITE, C. M.; GIANGARELLI, D. C.; BERGAMO, M. C. A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. **Revista Ciências & Ideias ISSN: 2176-1477**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 101–114, 2018. DOI: 10.22407/2176-1477/2018.v9i1.783. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/view/783>. Acesso em: 17 jun. 2024.